

**Interesse público e teorias do Jornalismo:  
considerações sobre os estudos de  
*newsmaking* e *gatekeeping***

Public interest and Journalism theory:  
approaches of gatekeeping and newsmaking  
studies

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



**ENIO MORAES JÚNIOR<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Este artigo busca levantar elementos para discutir o lugar do mais precípuo elemento da atividade jornalística – o interesse público – em duas importantes abordagens teóricas da área surgidas no século XX: os estudos de *newsmaking* e de *gatekeeping*. O ponto de partida para as reflexões aqui assinaladas é que este elemento, fundamento da cidadania e da imprensa democrática, enviesa as lógicas de atuação do jornalista e o papel social do jornalismo. Dessa forma, defende-se ser relevante que ele ocupe também espaço de destaque nos estudos e nas discussões relativas às teorias do Jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo. Teorias do Jornalismo. Interesse público. Lógicas de atuação do jornalista. Atuação profissional.

**ABSTRACT**

This article tries to identify elements to discuss the place of the most important element of journalism – the public interest – in two theoretical approaches of the area that emerged in the 20th century: the newsmaking and the gatekeeping studies. The public interest, one of the foundations of citizenship and democratic press, takes place in the discussion about the logic and the power of the journalism. It is relevant that the concept takes up its own space in the studies and in the discussions of Journalism theories.

**KEYWORDS**

Journalism. Journalism theory. Public interest. Logics of journalism. Professional work.

Recebido em: 18/06/2015. Aceito em: 29/08/2016.

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor do mestrado profissional em Produção Jornalística e Mercado e do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). E-mail: [enio@espm.br](mailto:enio@espm.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8317139192163255>.

## 1 INTRODUÇÃO

A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não passassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. A pluralidade é a essência de qualquer condição humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir. (ARENDR, 1987, p. 16).

Educar é preparar seres humanos para a vida em sociedade e para a vida a serviço da vida. No Brasil, o ensino do Jornalismo está prestes a completar 70 anos. Ao longo desse tempo, muito mudou em relação aos métodos e técnicas de ensino, muitas alterações também vieram em relação ao perfil dos docentes e discentes da área.

Da máquina de datilografia aos computadores; das canetas *BIC* aos *iPhones*, do giz às lousas digitais. Em meio a todas essas mudanças, uma questão merece especial atenção por conta do espaço estratégico que encontra na formação e, mais que isso, na atuação desses profissionais: o legado das teorias do Jornalismo na construção do jornalista.

De um modo geral, as abordagens construcionistas dessas teorias, desenvolvidas no século XX, têm suas ponderações permeadas por um elemento: o interesse público. Trata-se de uma força motriz que carrega consigo o sentimento de alteridade.

O interesse público tem a ver com o conceito de “ação”, proposto por volta de 1950, por Hannah Arendt (1987). O pressuposto arendtiano traduz a ideia de que o “agir” humano não constitui um fim apenas no seu agente, mas que, ao estar articulado ao outro, esse “agir” possui um sentido ético e político. Para Arendt, é isso que distingue a condição humana.

Francisco José Karam, ao discutir o interesse público e sua articulação com o jornalismo, estabelece uma clara relação com o pensamento de Arendt:

Ao contar, lembrar, recontar, registrar, debater, polemizar, o jornalismo ajuda a memória coletiva e individual a tornar-se social e histórica, além de contribuir consigo mesmo para que seja, como outras áreas, memória da humanidade. E contribuir para que tal memória constitua referência

para a *ação* (grifo nosso), para a opinião, para a democracia, para a constituição da cidadania. (2004, p. 251-252).

Como observava Arendt, é a “ação” – valorizada também nas palavras de Karam – que caracteriza a dimensão humana. E o jornalismo legitima seu viés com o interesse público na medida em que ele redimensiona o compromisso de cada cidadão com o outro. Afinal, a informação de interesse público é uma das bases para que o cidadão decida e aja politicamente no contexto democrático e dentro das bases da cidadania.

Isto significa que a construção da notícia precisa ser compreendida por seu público e, especialmente, por quem o faz: o jornalista. Auxiliar a problematizar e esclarecer as lógicas e contradições de produção da informação jornalística – e de interesse público – é o sentido das teorias do Jornalismo.

A grande pergunta a que as teorias do Jornalismo tentam responder é: “por que as notícias são como são?” (TRAQUINA, 2001, 2005). Decisões do jornalista, rotina de trabalho, interesses mercadológicos ou políticos da organização... Cada teoria construcionista vai assinalar a resposta em uma direção. Entretanto, é importante que se reflita, dentro de cada uma dessas abordagens, o lugar do interesse público, elemento mais precípuo do trabalho da imprensa. Afinal, se é para ele que o jornalismo está vocacionado, é a ele que deve servir o legado das teorias do Jornalismo, orientando a “ação” que, cotidianamente, o jornalista executa.

“Por que as notícias são como são?”, perguntam as teorias do Jornalismo. Tomando como base as interpretações sobre o jornalismo que foram sendo desenvolvidas a partir da metade do século XX em países ocidentais, a resposta é clara: as notícias são como são porque estão a serviço do interesse público. Talvez seja essa a proposição mais coerente e honrosa.

A partir daí, se resolveriam duas questões. Primeiro, excluir-se-ia dos estudos do Jornalismo aquilo que não é jornalismo, tudo que não está a serviço do cidadão. Segundo, encontrar-se-ia um caminho para entender as teorias do Jornalismo como a reflexão sobre um exercício profissional voltado unicamente para o cidadão e para a qualidade da vida democrática.

Mas como as teorias do Jornalismo enamoram-se do interesse público, força motriz construtora da cidadania? Submetendo-se ao imperativo de um

## Interesse público e teorias do Jornalismo: considerações sobre os estudos de *newsmaking* e *gatekeeping*

recorte metodológico, este artigo discorre sobre essa questão especificamente em duas abordagens: o *newsmaking* e o *gatekeeping*.

Essas duas perspectivas, de teor construcionista, encontram-se em pelo menos dois pontos. Em primeiro lugar, ao considerar a notícia como uma construção a partir do real. Nesse sentido, negam a teoria do espelho, datada do século XIX – como o fazem, aliás, as teorias surgidas no Ocidente a partir do século XX.

Em segundo lugar, ao negar o jornalismo como espelho, as duas percebem a relevância e o protagonismo do jornalista no processo de construção da notícia. Assim, ao legitimar o jornalista como agente, elas abrem precedentes para que se reconheça o interesse público – considerando dentro do recorte que fizemos neste texto – como norte da lógica profissional, entendendo-a no sentido de “ação” arenditiana.

Entretanto, as noções de *newsmaking* e de *gatekeeping* avaliam com nuances particulares como o jornalista vai observar e defender seu compromisso profissional com o interesse público. É desta questão que, partindo de um recorte da discussão produzida sobre essas teorias, e elegendo alguns autores e estudos de cada área, tratamos a seguir.

222 |

## 2 LÓGICAS E ROTINAS

Desenvolvidos nos Estados Unidos a partir dos anos 1950 e 1960, os estudos do *newsmaking* registram suas primeiras impressões a respeito do jornalismo em uma época em que a imprensa norte-americana, especialmente com o rebuliço trazido pela chegada da televisão, gozava de grande prestígio. Sua marca mais importante são as considerações acerca das lógicas e rotinas de produção da notícia como determinantes para se entender porque elas são como são.

Na abordagem do *newsmaking*, pensar “por que as notícias são como são” implica considerar que a produção da pauta, a seleção das fontes e o trabalho de apuração, redação e edição constituem elementos determinantes do *modus operandi* informativo. Além dessas variáveis, fatores externos ao ambiente jornalístico, como o tempo para se produzir a informação, o *deadline*, também interferem no processo.

Um dos sistematizadores do *newsmaking* conhecido no Brasil é o teórico italiano Mauro Wolf. Ao referir-se à produção da área, Wolf (1994, p. 161, grifo do autor) observa tratar-se de uma abordagem “constituída pelos estudos que analisam a *lógica dos processos* pelos quais a comunicação de massa é produzida e o tipo de organização do trabalho dentro da qual se afectua a ‘construção’ das mensagens.”

Assim, é possível dizer que o lugar do interesse público, na perspectiva do *newsmaking*, é ocupado pela própria prática profissional e suas lógicas. Nesse sentido, o fazer jornalístico deveria ser permeado, todo seu tempo, por uma conduta ética, levando-se em conta a relevância pública da informação.

Nessa abordagem, o interesse público constituiria um valor fundamental para as decisões a respeito da publicação da notícia. Por isso, um elemento pertinente para os estudos do *newsmaking* são os critérios de noticiabilidade, norteados por variáveis como a percepção que o jornalista tem a respeito da relevância da notícia para a audiência. Ao falar do assunto, Wolf assinala aspectos contraditórios que tocam essa questão:

Esses critérios referem-se ao papel que a imagem que os jornalistas têm do público desempenha. Trata-se de um aspecto difícil de definir, rico de tensões opostas. Por um lado, os jornalistas conhecem pouco seu público [...]. Por outro lado, a referência às necessidades e às exigências dos destinatários é constante e, nas próprias rotinas produtivas estão encarnados pressupostos implícitos acerca do público. (1994, p. 190-191).

Se há algum vacilo em relação à caracterização da audiência, o jornalismo de interesse público não pode titubear em relação à qualidade da informação que é passada a seus receptores. Quem vai chamar atenção para essa questão é uma autora importante para as discussões do *newsmaking*, a socióloga norte-americana Gaye Tuchman.

Tentando compreender e lançar luzes sobre a rotina de construção da notícia, Tuchman avalia que o jornalismo enxerga o mundo sob as lentes da sua própria cultura profissional, de onde emergem a identidade e certa autonomia do jornalista. Se a notícia, por um lado, é produzida dentro de uma série de contradições, ela constitui, por outro, uma forma de fazer com que o cidadão conheça melhor o mundo em que vive e participe dele:

## Interesse público e teorias do Jornalismo: considerações sobre os estudos de *newsmaking* e *gatekeeping*

Dizer que a notícia é uma “estória” não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais uma realidade seletiva do que uma realidade sintética, como acontece na literatura, existem por si só. Eles são documentos públicos que colocam um mundo à nossa frente. (TRAQUINA, 1993, p. 262).

Muitas vezes constrangido por interesses econômicos ou pela ideologia, o jornalista e o jornalismo cumprem, portanto, um papel importante de fazer o cidadão conhecedor e protagonista daquilo que lhe interessa na luta política do dia a dia: o interesse público.

No Brasil, alguns autores tem dedicado especial atenção à relação entre o interesse público e o *newsmaking*. Neste caso, são importantes algumas questões que José Coelho Sobrinho tem sinalizado ao falar da apuração da notícia e da reportagem:

224 |

[...] como deve ser publicado o fato tem ingerências e variáveis que nem sempre são observáveis pelo leitor. É na forma dada à matéria que o jornalista exerce o seu mais poderoso e perigoso poder: o de manipular a informação. Esse poder inicia-se na pauta, isto é: na prerrogativa do editor de filtrar as informações e agendar os leitores. Esse processo tem como parâmetros o projeto editorial do periódico, os interesses da empresa, os seus propósitos como empregado e como indivíduo pertencente a um grupo social e os princípios éticos profissionais. (2013, p. 151).

Em seguida, Coelho Sobrinho destaca as consequências da apuração que possa conduzir o cidadão à “ação” de cidadania pressuposta na abordagem arenditiana:

O papel ideal do jornalista é apurar para publicar. Atentar para a veracidade e importância do fato para a sociedade. Verificar se o fato eleito como fato jornalístico tem componentes balizados pelo interesse público e conexão com as gerações dos direitos fundamentais do cidadão. (2013, p. 152).

Assim como a pauta e a apuração, o *newsmaking* acolhe preocupações com a redação e a edição do texto. Em estudo atualíssimo, produzido nos anos 1980, Adelmo Genro Filho, ao tentar desvendar o que chamou de “segredo da

pirâmide”, deixou claro que a estrutura da narrativa jornalística, baseada na pirâmide invertida, pode esconder armadilhas para o interesse público:

A tese da "pirâmide invertida" quer ilustrar que a notícia caminha do "mais importante" para o "menos importante". Há algo de verdadeiro nisso. Do ponto de vista meramente descritivo, o *lead*, enquanto apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação, encarna realmente o momento jornalístico mais importante. (GENRO FILHO, 2012, p. 201).

Propondo uma teoria marxista do Jornalismo, adverte o autor a respeito da construção do relato:

O problema é que a "pirâmide invertida" corresponde a uma descrição formal, empírica, que nem sempre corresponde à realidade, exatamente porque não capta a essência da questão. Não se trata, necessariamente, de relatar os fatos mais importantes seguidos dos menos importantes. Mas de um único fato tomado numa singularidade decrescente, isto é, com seus elementos constitutivos organizados nessa ordem, tal como acontece com a percepção individual na vivência imediata. (GENRO FILHO, 2012, p. 205).

Nesse sentido, a própria narrativa jornalística, tão ensinada na formação profissional como valorizada na lógica das redações, pode escamotear fatos de interesse público. Aprofundar a notícia, apresentar os diferentes lados de um mesmo acontecimento, cobri-lo em sua dimensão mais intensa não significam o mesmo que eleger um fato e apresentar seus elementos em ordem decrescente de importância, como propõe a pirâmide.

Em sua proposição, Genro Filho observa que a estrutura da pirâmide invertida pode constituir muito mais uma artimanha de legitimação de um fato selecionado pela imprensa para ser deglutido por seu público do que uma narrativa em que esse mesmo público possa ter um corolário de informações aprofundadas sobre os acontecimentos, que o conduza à "ação" arenditiana.

Desenvolvidos a partir de meados do século passado, os estudos do *newsmaking* constituem hoje uma área importante para compreender a notícia e seu enviesamento com o interesse público. Em época de internet, ciberjornalismo e redes sociais, sobram críticas sensatas sobre o poder das tecnologias que, por si só, implicariam – por meio de uma maior participação

## Interesse público e teorias do Jornalismo: considerações sobre os estudos de *newsmaking* e *gatekeeping*

do público – uma lógica de construção da notícia mais articulada ao interesse público. Como alerta Adriana Barsotti:

O debate público – fomentado nas discussões nos cafés no século XXVIII em torno de artigos de jornais – cedeu lugar majoritariamente às impressões individuais. O *eu* é uma das categorias presentes na TV, no rádio, em páginas de jornais, revistas e na internet por meio da valorização do testemunho como lugar de verdade. (2014, p. 30).

Nesse aspecto, é preciso que as teorias da área fiquem atentas ao que acontece com o jornalismo. É importante que os estudos não percam de vista que as notícias sempre foram e serão construídas por pessoas, por empresas e por ideologias, e que elas não são nem serão produto direto do desenvolvimento tecnológico. Pelo contrário, como produto humano, a notícia obedece sempre a uma lógica que envolve razão, escolhas e pressões. Por conta de tudo isso, nem sempre o interesse público fala mais alto, ainda que esse público tenha mais espaço na construção da notícia.

226 |

### 3 'PORTEIROS' E PROCESSOS

As bases da teoria do *gatekeeping* estão nos Estados Unidos dos anos 1940 e 1950. Entretanto, é a partir dos anos 1980 que a abordagem consolida-se, tendo como principal referência a jornalista e pesquisadora norte-americana Pamela Shoemaker (2001, 2011).

A origem dos estudos dos *gates* está ligada à psicologia e à análise de hábitos de consumo de cidadãos norte-americanos. Nos anos 1940, empenhado em compreender pontos dessa questão, o psicólogo social Kurt Lewin terminou por criar inspiração para os estudos da atuação da imprensa.

Trazida para a área do jornalismo por David White na década seguinte, a noção de *gatekeeper* – 'porteiro' – entende a notícia como produto de um processo de escolhas do jornalista. Tradicionalmente, a seleção do que é e do que não é notícia tem caráter subjetivo e arbitrário, sobre os quais interferem claramente as escolhas do profissional.

A concepção tradicional do *gatekeeper* acerta ao atribuir ao profissional poder em deliberar a notícia. Assim, no que concerne ao *gatekeeper*, é possível considerar que o lugar do interesse público é ocupado pelo protagonismo do

jornalista na seleção da notícia. Nesse sentido, pensar “por que as notícias são como são” é também ponderar quem são os jornalistas que as determinam. Nos dias de hoje, isso significa pensar como as mudanças da profissão e do perfil profissional têm impactado a atuação dos jornalistas.

Os estudos de *gatekeeping* desenvolvidos a partir da segunda metade do século passado trouxeram maior abrangência para o conceito. As análises de Shoemaker sobre os *gates* da imprensa são, hoje em dia, um ponto-chave para as discussões do tema.

A autora traz novo fôlego para a concepção de *gatekeeper*. Ela avalia que o jornalista não atua sozinho. Num processo que começa no acontecimento e vai até a sua publicação, a notícia percorre diferentes *canais*, passando por *portões* que podem liberar ou não a sua entrada nos veículos de informação.

Destacando também a influência da audiência na construção da notícia, Shoemaker propõe que a notícia seja compreendida a partir de cinco diferentes níveis de análise, onde estão situados os *canais* e os *portões* de seu processo de produção. O jornalista, atuando em um nível individual, seria apenas um deles. A organização, além das rotinas produtivas, as instituições e o sistema social seriam os outros quatro.

Ao falar de *gatekeeping* e não mais em *gatekeeper*, Shoemaker desloca o estudo da construção da notícia de um âmbito individual para uma abordagem processual que envolve o próprio fazer noticioso, além seus aspectos empresariais e sociais.

A pesquisadora Thaís Mendonça Jorge (2013), ao referir-se à questão, está especialmente atenta às transformações no trabalho e na cultura da imprensa, bem como interessada em entender as implicações disso no produto jornalístico. Reconhecendo a notícia como organismo vivo, sobre o qual o *gatekeeper* ainda tem um papel privilegiado – mas onde ele não é o único agente – a autora avalia:

Embora construção, feita tradicionalmente por jornalistas, o relato noticioso não é um produto determinado. Deriva, antes de tudo, de um processo histórico e, ser vivente, está sujeito ao cenário, que o atinge diretamente, influenciando sobre toda a organização – como é o caso da indústria informativa; e de maneira indireta, quando ela própria se multiplica para se transmitir através dos suportes que se apresentam. Portanto, insisto que a notícia não se metamorfoseia, mas

## Interesse público e teorias do Jornalismo: considerações sobre os estudos de *newsmaking* e *gatekeeping*

muda junto com os jornalistas, o ambiente e a cultura em que está inserida. (JORGE, 2013, p. 258).

Dessa forma, ao tratar o fazer jornalístico como algo latente e vibrante, Jorge propõe-nos pensar a atuação do 'porteiro' da notícia, em qualquer momento da história, como algo que lhe escapa, sempre.

No nível de análise individual, portanto, como propõe Shoemaker, o jornalista é um grande negociador do interesse público da notícia. Neste processo, ele dialoga com instâncias como a empresa onde trabalha, com as instituições sociais que o referenciam, como os mercados e a política, bem como com o próprio sistema social em que vive, onde se destacam os valores da cultura e da ideologia.

É importante observar que, ao inserir as lógicas e rotinas informativas como um nível de análise de produção da notícia, Shoemaker incorpora ao *gatekeeping* os estudos do *newsmaking*. Tuchman, aliás, é uma autora bastante citada em suas obras.

228 |

Na perspectiva do *gatekeeping*, portanto, o *newsmaking* é parte do processo de construção noticiosa. Embora essa acepção já esteja presente no pensamento de Tuchman, ele ganha caráter específico nos estudos de Shoemaker, o que não o faz menor nem menos importante. Trata-se apenas de uma nova forma de olhar.

Do ponto de vista do interesse público, portanto, é possível dizer que, se para Tuchman o jornalista é um sujeito que consolida a sua identidade e constrói sua autonomia no *newsmaking*, na rotina de produção noticiosa, para Shoemaker, os elementos que se enfrentam na busca dessa autonomia e na defesa do interesse público podem ser encontrados nos níveis de análise. Se parte deles está na rotina (como as contradições, as escolhas das fontes, os *deadlines*), outra parte está no nível do indivíduo (como os valores do jornalista), da organização, das instituições e da sociedade.

Outro ponto que vale a pena problematizar diz respeito ao significado do processo de *gatekeeping* nos dias de hoje. Ao referir-se ao *gatewatching*, Axel Burns (2005) dialoga com as reflexões trazidas por Shoemaker, destacando um importante *canal* da notícia assinalado pela autora: a audiência.

O autor de origem alemã pondera que o jornalista não é mais, sozinho, o *gatekeeper* da informação. O público tem cada vez mais poder de determinar o que é e o que não é notícia. Nesse sentido, por meio de dimensões como a *curadoria*, a lógica de produção da informação, agora *produsage*, passa a implicar novas possibilidades para a missão do jornalismo com o interesse público. Para Bruns, são os tempos do *gatematching*.

[...] estes usuários ativos podem atualmente compartilhar com outros aquilo que observam enquanto estão observando, através de uma ampla gama de plataformas variando das ferramentas colaborativas para marcar livros, passando pelos *blogs* pessoais e coletivos até os *sites* da mídia social, e de lá encontrar e conectar com outros usuários com interesses em temas semelhantes. (BRUNS, 2005, p. 123-124).

Ao tratar da função das redes sociais no ciberativismo, Magaly Prado chama atenção para a validade do pensamento de Burns. Ela avalia que o jornalista lida, hoje em dia, de uma nova forma, com as demandas do público e do cidadão.

De acordo com Prado (2015, p. 9), embora as mudanças trazidas pelas tecnologias à atuação do profissional ainda estejam em curso, cujo futuro ainda é difícil prever, o certo é que “pauteiros e jornalistas incluíram em seus afazeres cotidianos a checagem das redes, com mais afinco no Twitter e no Facebook.”

Do ponto de vista do interesse público, no entanto, se as tecnologias permitiram ao público mais ferramentas para participar na construção da notícia, há ressalvas para um cenário de puro otimismo no que diz respeito ao conteúdo. Em recente estudo sobre os jornalistas brasileiros, Roseli Figaro (2014) apresenta um quadro preocupante.

Os resultados de uma pesquisa coordenada por Figaro, realizada junto a profissionais de São Paulo, indicam que a condição de trabalho tem se tornado cada vez mais precária. A autora observa que, no atual cenário brasileiro (onde São Paulo é apenas uma ‘ponta do iceberg’), aspectos do amálgama da profissão, como a busca da informação de relevância pública tem, na luta diária pela sobrevivência, sido tratados com menos valor.

São os mais jovens que não conseguem planejar a vida fora do curto prazo, vão em busca do cliente e consideram a informação como um produto. Ou seja, possuem um perfil profissional deslocado de valores

## Interesse público e teorias do Jornalismo: considerações sobre os estudos de *newsmaking* e *gatekeeping*

coletivos; são individualistas e muito mais preocupados com o negócio, meio de vida. (FIGARO, 2014, p. 44).

Atuação e formação são, aliás, questões diretamente articuladas. Formar-se jornalista, assim com educar jornalistas são duas faces de uma mesma moeda fundida em um mesmo metal: o interesse público. A formação que não forma, inegavelmente deforma. Daí a importância de se entender o quanto pode ser importante preparar jornalistas para servir à democracia, inclusive em momentos que se estudem as teorias do Jornalismo.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos do Jornalismo gestados desde o século passado – ainda que pese aqui o destaque dado ao *newsmaking* e ao *gatekeeping* – continuam a situar a área diante de sua clássica questão, ainda que enviesada pelo poder das tecnologias e da participação do público: por que as notícias são como são?

Assim como acontecia no século XX, colocar-se diante de perplexidades que problematizam o jornalismo e sua teorização é também pensar que o interesse público é base da “ação”; do protagonismo do jornalista, das suas lógicas de atuação e, portanto, das reflexões que se fazem a respeito do seu papel social.

Se o jornalista sempre foi e continua sendo um grande ‘porteiro’ da construção da notícia, está em seu poder também a defesa da imprensa que se coloca ao lado dos cidadãos e os fortalece na luta contra atos de racismo, homofobia ou machismo, por exemplo. E isso continua válido – ou até mais importante – em tempos de *gatewatching*. Afinal, não há nada que desafie mais o ser humano do que o próprio ser humano. Talvez sempre tenha residido exatamente nisso a paixão dos jornalistas pelo jornalismo.

As lutas e conquistas da cidadania e dos direitos humanos constituem a história do respeito à pluralidade humana. E essa é uma responsabilidade também do jornalismo, considerando como ponto de partida para o entendimento desse impacto a missão mais precípua da imprensa: produzir informação de interesse público.

Na história da imprensa sempre lhe coube ser uma força motriz de construção da cidadania. O interesse público é, para o jornalismo, exatamente o

combustível gerador dessa força. Quando a “ação” do jornalista, na seleção da notícia, na sua apuração, redação ou edição – mesmo que eventualmente constrangida por outros elementos – coloca-se conscientemente a favor dos cidadãos, tem-se o melhor dos jornalismo.

Elemento fundamental da cidadania e da imprensa democrática, o interesse público sempre ocupou lugar de destaque nas discussões sobre a função social da mídia, sobretudo, do jornalismo. Exatamente por isso, ele ocupa lugar de destaque nos estudos e no ensino das teorias da área. Há disciplinas e práticas pedagógicas que são naturalmente vocacionadas nesse sentido. Teorias do Jornalismo é uma delas.

Partir das diferentes abordagens da área e, por meio de metodologias que façam o aluno perceber que as teorias do Jornalismo tratam também do interesse público pode ser uma forma de potencializar o compromisso de professores e de estudantes com o que, de fato, é e sempre foi a profissão.

Quando o objeto de estudo se torna objeto de entusiasmo, compartilhado por alunos e professores em sala de aula, tem-se a verdadeira educação. Da mesma forma, quando o objeto de trabalho do jornalista se torna objeto de entusiasmo que potencializa a “ação” do cidadão, compartilhado por cada indivíduo empenhado na luta por seus direitos, tem-se o verdadeiro jornalismo. E trata-se de um compromisso que tem a ver com, no presente, construir o futuro. Como alerta Arendt (1987, p. 19), “embora vivamos agora, e talvez tenhamos que viver sempre, sob condições terrenas, são somos meras criaturas terrenas.” 

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação**: do cão de guarda ao mobilizador de audiência. Florianópolis: Insular, 2014. (Série Jornalismo a rigor, n. 9).

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatwatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 7, n. 11, p. 119-140, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

COELHO SOBRINHO, José. A essência do jornalismo está na apuração. In: MORAES JÚNIOR, Enio; MALULY, Luciano Victor Barros; OLIVEIRA, Dennis de (Orgs.). **Antes da Pauta**: linhas para pensar o ensino do jornalismo no século XXI. São Paulo: ECA/USP,

**Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 6, n. 19, p. 219-232, jul./dez. 2016

ISSN: 1981-4542

## Interesse público e teorias do Jornalismo: considerações sobre os estudos de *newsmaking* e *gatekeeping*

2013. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/box/antesdapauta.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

FIGARO, Rosely (Org.). **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: Salta, 2013.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012. (Série Jornalismo a rigor, n. 6).

JORGE, Thaís de Mendonça. **Mutação no jornalismo**: como a notícia chega à internet. Brasília: Editora UnB, 2013.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

PRADO, Magaly. **Ciberativismo e noticiário**: da mídia torpedista às redes sociais. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping**: seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: teorias, questões e "estórias". Lisboa: Vega, 1993.

\_\_\_\_\_. **O estudo do Jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. (v. 1).

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.